

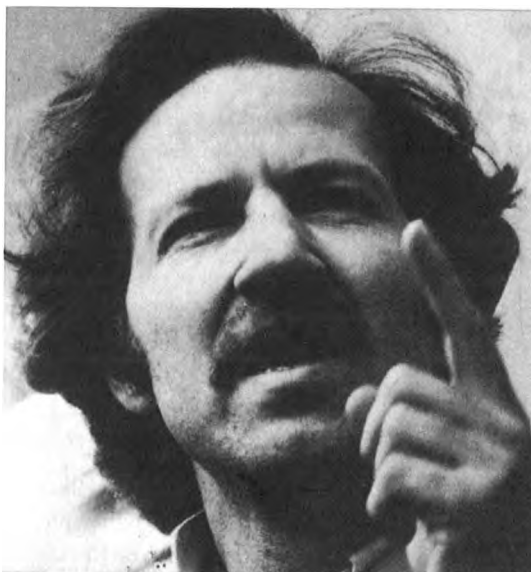
Werner Herzog

entrevista por Claudio Kahns, com colaboração de Eduardo Bueno, Marcelo Paiva e tradução de Clarissa Knoll.

Werner Herzog veio em junho de 2001 ao Brasil para dirigir a ópera Tannhäuser, no Teatro Municipal do Rio, em temporada de muito sucesso. Herzog é um dos mais conhecidos diretores cinematográficos surgidos na Alemanha do pós-guerra, ao lado de Rainer W. Fassbinder e Alexander Kluge, cujos cinemas tiveram início nos anos 60. Ficaram Aguirre – a cólera dos deuses e Fitzcarraldo (premiado em Cannes) como os principais trabalhos numa lista de 50 filmes rodados. Ele concedeu esta entrevista na praia, em frente ao Hotel Copacabana Palace, onde estava hospedado, para um documentário que estou realizando sobre um balanço crítico da comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil e a tentativa de produzir um filme de longa-metragem Brasil 1500 – Island of the Moon (Ilha da lua), em associação com produtores americanos e com o diretor Michael Cimino. Posteriormente, Herzog também foi sondado para dirigi-lo. Estas são suas reflexões sobre o projeto, o descobrimento do Brasil e a autoestima dos brasileiros.

Sinopse – No episódio do descobrimento do Brasil não existem personagens mitológicos como Aguirre ou Cortez. A que você atribui e que reflexos têm a ausência de personagens épicos como Colombo?

Werner Herzog – Na descoberta do Brasil não existiu uma personalidade como, vamos dizer, Cristóvão Colombo, com todas as suas tragédias, seus dramas pessoais, sua incrível saga para encontrar uma nova rota ao redor do globo, na qual ninguém acreditava a que se poderia ir sem cair num abismo. As leis da gravidade ainda não haviam sido descobertas e era uma viagem ao desconhecido. A desvantagem da história no descobrimento do Brasil é que tudo não passou de uma coincidência, foi um acidente da história, e, às vezes, tenho a sensação de que o Brasil descobriu-se a si mesmo, ainda que os portugueses tenham chegado primeiro. O Brasil ainda está tentando se descobrir, então eu acho que isso é interessante, mas para se fazer um filme sobre o seu descobrimento havia a ausência de um personagem central



com qualidades maiores que a vida, tão grandes quanto um continente.

Sinopse – Quais as diferenças mais marcantes que você apontaria entre o olhar cinematográfico norte-americano e europeu a respeito de um filme sobre o descobrimento do Brasil?

WH – Eu realmente não consigo imaginar esse filme sendo feito por cineastas norte-americanos, ou por uma produção norte-americana, porque a abordagem deles é muito diferente. Para eles, é apenas algo distante, e não estão verdadeiramente interessados nisso. A cinematografia americana é excessivamente técnica. E também acho que para um filme como este a cinematografia não significa, necessariamente, uma perspectiva europeia, um tipo de olhar europeu, mas sim um olhar que tenha vivacidade, o que não mais observamos no cinema americano, sobretudo pelo abuso nos efeitos especiais. Atualmente um ator nos EUA aparece durante 10 ou 12 segundos e interrompe-se a ação. Creio que o ritmo e o tempo latino-americanos não se enquadrariam nesse formato.

Sinopse – Você acha que eles não compreenderiam, de fato, questões históricas como o descobrimento do Brasil?

WH – Eu não diria que os norte-americanos seriam incapazes de compreen-

der inteiramente, tudo depende da visão do diretor. Eles são flexíveis, até certo ponto. Nós não deveríamos denegrir tudo que vem dos EUA por si. A atitude deles é que difere.

Sinopse – Em que momento o projeto de Brasil 1500, que inicialmente o interessou, mostrou-se menos atrativo?

WH – O projeto que eu vi dá a impressão de ter muitos autores, um projeto que teve vários “cozinheiros” envolvidos. Você poderia dizer que aqui ou ali havia elementos aproveitáveis e, é claro, era um projeto muito caro, havia roteiristas de Hollywood envolvidos e para eles o custo das produções não importa. Mas o problema básico é que requereria um orçamento muito alto, entre US\$ 60 e 80 milhões. Ao mesmo tempo, o projeto não se ajustava à definição da indústria de entretenimento de Hollywood. Então, era óbvio que nunca atrairia o montante necessário com as perspectivas, aspirações e demandas que Hollywood tem. Este projeto deveria ser mantido num contexto brasileiro e realizado com um orçamento entre US\$ 5 e 6 milhões.

Sinopse – Você teve várias experiências diferentes neste país, com cinema, teatro e ópera. Como você acha que um filme sobre o descobrimento do Brasil repercutiria no mercado internacional e no Brasil? Você acha que há interesse nesse assunto?

WH – Eu acredito que enquanto a produção cinematográfica de um país mantiver certa identidade e não tentar imitar o estilo de outro, sempre haverá lugar para projetos como esse. Hoje em dia os melhores filmes vêm do Irã, são em língua farsi. Os filmes da China, mesmo os que Ang Lee

fez, como por exemplo *O tigre e o dragão*, falado em mandarim, funcionam muito bem. Daí, o descobrimento do Brasil é uma história que pode ser contada e feita de um modo que as pessoas em outros países possam entender e gostar, por sua brasilidade.

Sinopse – O que você acha da diversidade cultural do Brasil e que futuro você vê para os povos indígenas no Brasil com a globalização?

WH – A globalização, claro, é um problema para todos os povos indígenas. Estamos perdendo culturas muito rapidamente e esta é um das minhas principais objeções à visão puramente ecológica. Todos os partidos verdes do mundo estão preocupados com o bem-estar de uma lesma, um sapo ou alguma planta e nunca falam sobre a perda de culturas, perda de tribos indígenas. Há tribos na floresta amazônica onde restam apenas 32 pessoas falantes daquela língua; em uma década não sobrarão ninguém e nada se falará a respeito. Eu sinto que esse problema vai piorar. Quero ver povos indígenas, não viver num mundo que só tenha McDonald’s.

Sinopse – Como você vê a autoestima dos brasileiros e de que forma isso se reflete na produção cinematográfica?

WH – Os brasileiros têm uma clara autoestima, não apenas na produção cinematográfica. Claro, vocês são os melhores jogadores de futebol do mundo, têm o mais belo samba, variedade de culturas. Adorei este país mesmo antes de conhecê-lo, porque vi Garrincha na TV, a quem admiro profundamente. É uma alegria de vida, uma exuberância. Com qualquer um com quem converso aqui, todos têm ótimas histórias para contar. Então é um país cheio de histórias, de fantasias, de certo orgulho também.

Enquanto os brasileiros mantiverem isso, enquanto houver carnaval, enquanto estiverem dançando, enquanto estiverem jogando na praia, serão um povo maravilhoso e cordial.

Sinopse – Então você acha que não temos problemas de autoestima?

WH – Bem, às vezes, é claro que há problemas porque a economia oscila. Mas, e daí que o Brasil não seja uma potência mundial dominante? Eu acho que o Brasil talvez ainda não tenha se achado completamente, mas vê-lo emergindo é maravilhoso. Quando você aterrissa aqui, você sabe que chegou a um lugar que vai lhe dar prazer. Os brasileiros sabem disso e zombam dos gringos: “eles não sabem dançar... não sabem nada de samba”. Mas não há com o que se preocupar. No seu caso, sobre a autoestima dos brasileiros, eu acho que ela às vezes oscila. Vocês cultivam o orgulho de serem brasileiros, mas quando a seleção perde a Copa do Mundo, por exemplo, todo mundo pensa que o Brasil está na lama. Mas aí vocês ganham e volta o entusiasmo.

Sinopse – Você, que acompanhou de algum modo a comemoração dos 500 anos do Brasil, teve alguma notícia a esse respeito? Você acha que o Brasil é marginalizado internacionalmente?

WH – Na minha opinião o Brasil não é marginalizado. Não é possível falar nesses termos, é um país muito grande, não pode nunca estar à margem. Os 500 anos do descobrimento do Brasil têm sempre essa questão interessante: quem descobriu o Brasil? O Brasil ainda está se descobrindo? Ou ainda não descobriu a Europa? Então eu gosto de ver o outro lado, fico fascinado por isso. Por vezes me pergunto: foi uma benção ou uma maldição de deus o Brasil ter sido descoberto por europeus?